

“CRIMINOSOS E PUSILÂNIMES!”: CONSIDERAÇÕES SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA POPULAÇÃO PERIFÉRICA PELOTENSE EM UMA NOTÍCIA DE *A FEDERAÇÃO* (1895)

VITOR WIETH PORTO¹; ARISTEU ELISANDRO MACHADO LOPES²;

¹Universidade Federal de Pelotas – vitor.wieth.porto@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – aristeuufpel@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O fenômeno dos fatos diversos (*fait divers*) na imprensa brasileira, o qual se popularizou a partir do último quarto do século XIX, passou a trazer mais sobre eventos cotidianos, fossem crimes ou tragédias, nos quais entrariam os suicídios e acidentes dos mais diversos (GUIMARÃES, 2013). Entretanto, a forma como tais notícias eram construídas – uma narrativa dramática e de tom sensacionalista, visando causar todo o tipo de emoção no leitor – traz possibilidades que trespassem o apelo aos sentimentos com um propósito comercial (KALIFA, 2019). A maioria desses relatos impressos, principalmente os que envolviam as classes populares, partiam de certos pressupostos pautados em um imaginário social, ou seja, representavam-nos a partir de um sistema dinâmico consistido de figuras e identidades coletivas próprios da sociedade naquele período, hierarquizando-os (KALIFA, 2017, p. 20). A ideia de um imaginário social se faz importante para entender a elaboração dos fatos diversos pelas redações, logo que o contexto do imediato pós-Abolição trouxe grande tensão e medo às elites brasileiras, as quais temiam a possibilidade de uma convulsão social dos libertos e viam uma necessidade de “moralizar” os populares através do trabalho (CHALHOUB, 2012).

A construção de um imaginário social dos populares no Brasil se assemelha muito ao que Dominique Kalifa (2017) encontrou no contexto francês, a partir da ideia do *bas-fonds*, um tipo de local tanto material quanto imaterial que representa a “margem” da sociedade, uma construção cultural em que o desejo de moralização das elites se encontra com um profundo desejo de fugir das normas que regem a sociedade. “A intenção era clara: estigmatizar o intolerável [o pauperismo], mas *desresponsabilizar* também as elites e reafirmar os valores que fundavam a identidade dominante” (KALIFA, 2017, p. 324, grifo nosso). Logo, o *bas-fonds* seria o local dos “desordeiros”, dos “vagabundos”, dos criminosos, de todos aqueles que não se encaixariam nos padrões da burguesia e que constituiriam as tão temidas “classes perigosas” ainda durante o Império (CHALHOUB, 2012, p. 64-89).

Neste ensejo, o presente trabalho irá tratar de uma notícia, considerada como um fato diverso ocorrido na cidade de Pelotas no ano de 1895 e noticiado pelo jornal *A Federação*, vinculado ao Partido Republicano Rio-grandense (PRR). Tal notícia, a qual trata de uma tragédia que se deu com uma família em uma região periférica da urbe, possui elementos descritivos que exprimem como situações, por mais lamentáveis que fossem, podiam ser utilizadas pelas redações para desvelar suas próprias considerações a respeito das pessoas que viviam na região, evidenciando elementos que se coadunam à construção do imaginário social do *bas-fonds*.

2. METODOLOGIA

A fonte de análise, uma notícia presente no periódico *A Federação*, o qual se encontra na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, sendo de fácil acesso. Como se trata somente de um caso fechado, iremos analisá-lo de maneira qualitativa, ou seja, trataremos do conteúdo interno da notícia em si. Focaremos na construção da narrativa desenvolvida pelo impresso, principalmente no que toca as adjetivações dadas às pessoas dentro do referido contexto, visando desenvolver a discussão introduzida acerca de uma representação específica de um tipo de imaginário social sobre as classes populares. Entretanto, essa análise interna só pode ser explicada a partir de alguns elementos externos do jornal, como o grupo responsável por sua publicação e o seu público-alvo, pressupostos esses elencados por Tania Regina de Luca (2008) no que se o tratamento e análise de fontes impressas. De tal modo, desenvolveremos uma relação entre a fonte e a bibliografia existente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo o título de “Doloroso”, seguido do subtítulo “Duas crianças afogadas”, o impresso narra como a pequena embarcação usada pela família Pereira, composta de Julio, Rita (esposa), Laura Luiza (mãe de Julio) e os filhos do casal, Arlindo (7 anos), Frontino (5) e Arnaldo (1 ano e meio), acabou virando enquanto esses navegavam pelo Arroio Santa Bárbara no dia 7 de abril de 1895. A família utilizava o curso d’água para viajar até a casa do irmão de Rita que vivia no outro lado do Canal São Gonçalo (*A FEDERAÇÃO*, 1895, p. 1). No período, Pelotas possuía poucos acessos principais, sendo duas estradas (uma que levava à região da Campanha e outra à região colonial na Serra dos Tapes), a Estação Férrea que ligava a urbe à Rio Grande, a região do Passo dos Negros que cumpria a mesma função de forma fluvial e o próprio porto da cidade, sendo esse a principal entrada da mesma (*ANJOS*, 2000, p. 40-46). Desse modo, o uso de pequenas embarcações para visitar parentes que viviam em regiões ribeirinhas poderia ser comum, tendo em vista que Julio teria locado a canoa para tal propósito. Outro fato relevante dado pelo jornal seria o local em que os Pereira viviam: à Rua Constituição, local próximo à praça de mesmo nome, a qual ficava às margens do próprio Santa Bárbara e recebeu constantes melhorias a partir da década de 1880, como aterramento, nivelamento e a construção de um cais de alvenaria para as embarcações que ali saíam e chegavam (*PETER*, 2004, p. 15).

Entretanto, tais obras acabaram trazendo problemas, logo que o Santa Bárbara passou a sofrer com maiores enchentes, inundações e danos materiais aos que viviam às suas margens, tornando sua navegação ainda mais perigosa. O próprio periódico, ao narrar o momento que a canoa alugada virou, descreve que “o Santa Bárbara é de pequena força; mas, agora, com as enchentes, ocasionadas pelas últimas e torrenciais chuvas, o seu curso se avolumou extraordinariamente e é temerosa a sua corrente” (*A FEDERAÇÃO*, 1895, p. 1), algo que teria contribuído para o trágico afogamento de Frontino e Arnaldo. Todo o contexto em si é extremamente triste: uma família que pretendia fazer um simples passeio à casa de um parente acaba tendo um acidente que ceifou a vida de duas crianças. O jornal se utiliza de toda a situação para causar ainda mais angústia e pesar nos leitores, descrevendo como teriam sido os últimos momentos dos meninos, o desespero e esforço do pai para salvar a família e o pesar que envolveu todos diante dos acontecimentos. E após essa construção narrativa do impresso, temos uma colocação que destoa:

Escritas essas linhas, informaram ao *Diário* [Popular] que umas 14 pessoas, mais ou menos, assistiram das margens ao lamentável desastre – e entre elas muitas sabiam nadar... Entretanto, não houve uma só que sequer tentasse salvar as gentis criancinhas, quando o desditoso pai lutava pela salvação de uns e quando ainda era possível a salvação de outros! Cruelíssima *prova de egoísmo e da covardia* desses tais, que talvez *apreciassem o horrível espetáculo*, calmamente, como quem assiste uma representação no teatro ou no circo de cavalinhos... *Criminosos e pusilânimes!* (A FEDERAÇÃO, 1895, p. 1, grifos nossos).

Como tratado por Rosa Moura (2006, p. 74-78) em seu trabalho sobre as habitações pelotenses durante o mesmo período desta pesquisa, muitas pessoas passaram a viver nas margens do Santa Bárbara a partir da pressão municipal em acabar com as habitações populares no centro após a aprovação do Código de Posturas. Um elemento que ajuda a explicar o assentamento nas proximidades do arroio se daria pela presença de vários empreendimentos também estarem localizados ali, o que poderia facilitar a oportunidade de trabalho, desenvolvendo-se assim diversas habitações precárias na região (GONÇALVES, 2018, p. 90). Desse modo, os comentários “indignados” sobre a suposta postura das pessoas que “apreciaram” o trágico desfecho da família Pereira possuiriam um significado mais profundo do que uma simples revolta pela dita inercia dos transeuntes. Houve, por parte do impresso, a tentativa de construir o “tipo de morador” daquele arrabalde de Pelotas. Os adjetivos elencados fortificam a argumentação: egoístas, covardes, criminosos e pusilânimes indicando até mesmo uma espécie de sadismo por estarem potencialmente apreciando a cena de duas crianças se afogando.

Embora *A Federação* tivesse assinalado sobre como a corrente do Santa Bárbara era temerosa durante a própria construção do relato que levou à tragédia, a possibilidade de que outras pessoas pudessem ter medo de se afogar caso entrassem no curso d’água não foi levantada pelo periódico. A postura do mesmo não dá margem para esse questionamento, visando direcionar o leitor para a repulsa pura e simples daquelas pessoas. Logo, mesmo que um leitor de outra localidade não tivesse o pleno conhecimento da disposição espacial urbana de Pelotas, ele poderia considerar que as pessoas que viviam na beira do Santa Bárbara seriam indignas de confiança e até mesmo perigosas por “permitirem” que tamanho infortúnio acontecesse com a família Pereira.

4. CONCLUSÕES

A representação da população periférica se dava a partir de comentários e adjetivações construídas pelas redações dos impressos no período, os quais visavam “desvelar” os problemas e perigos que a sociedade brasileira vivia durante o início da Primeira República, tornando problemas de natureza social, econômica e cultural em uma disfunção moral. De tal perspectiva, problemas estruturais, como no caso de Pelotas, acabavam sendo ignorados em detrimento de uma tipificação preconceituosa acerca de pessoas que moravam em um local com péssimas condições sanitárias por consequência das próprias ações governamentais de expulsá-las do centro urbano (GILL, 2004; GONÇALVES, 2018). Embora não possamos afirmar a razão exata que levou Julio Pereira a alugar uma canoa para cruzar o São Gonçalo, é possível conjecturarmos que era uma maneira mais barata para transportar toda a sua família, principalmente na Pelotas da década de 1890, momento que as possibilidades de emprego eram escassas e pagavam pouco (LONER, 1999, p. 94; MOURA, 2006, p. 100-101), mesmo que tal atitude implicasse

maiores riscos. A concepção de ambientes perigosos habitados por pessoas de moral duvidosa se encaixa perfeitamente para mascarar as verdadeiras problemáticas de uma sociedade extremamente desigual. A imprensa se utilizava de situações como a ocorrida com a família Pereira para evidenciar suas concepções sobre as classes populares, as quais eram baseadas em noções enviesadas e que serviam aos interesses próprios das elites que produziam os impressos, como no caso de *A Federação* que estava diretamente ligado ao governo estadual nesse período. De tal maneira, os arredores do Santa Bárbara seriam um *bas-fonds* pelotense, ou seja, um local que precisava ser moralizado precisamente pelas “falhas” que as pessoas que lá viviam demonstravam em situações como a noticiada pelo jornal.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fonte citada

Doloroso. Duas creanças afogadas. **A Federação**, Porto Alegre, p. 1, 17 abr. 1895. Acervo da Hemeroteca Digital. Biblioteca Nacional Digital.

Bibliografia

ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e modernização**: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX. Pelotas: Ed. Universitária da UFPel, 2000.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. 3^a ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

GILL, Lorena Almeida. **Um mal do século**: tuberculose, tuberculosos e políticas de saúde em Pelotas (RS) 1890-1930. 316 f. 2004. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

GONÇALVES, Mariana Couto. **“Andei sempre tendo o que ver e ainda não fora visto”**: a modernização urbana pelotense a partir de crônicas e fotografias (1912-1930). 2018. 283 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo, 2018.

GUIMARÃES, Valéria. **Notícias diversas**: suicídios por amor, leituras contagiosas e cultura popular em São Paulo dos anos dez. Campinas: Mercado das Letras, 2013.

LONER, Beatriz Ana. **Classe operária**: mobilização e organização em Pelotas: 1888-1937. Vol. I. 1999. 395 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

KALIFA, Dominique. **Os bas-fonds**: História de um imaginário. São Paulo: EdUSP, 2017.

KALIFA, Dominique. **A tinta e o sangue**: narrativas sobre crimes e sociedade na Belle Époque. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

MOURA, Rosa Maria Garcia Rolim de. **Habitação popular em Pelotas (1980-1950)**: entre políticas públicas e investimentos privados. 2006. 249 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

PETER, Glenda Dimuro. **Santa Bárbara**: o braço morto do arroio que ainda vive na memória. 2004. 31 f. Trabalho de Conclusão de Módulo (Especialização) – Curso de Especialização em Patrimônio em Centros Urbanos, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.